SOLO DE BOIADEIRO

Sarah Lopes

AVE
CHEIA DE
GRAÇA

Ficha catalográfica:

Lopes, Sarah
Solo de boiadeiro. Sarah Lopes. – Goiânia, GO: Edição da autora, 2026.
[57] p. : il. ; 21 cm.

ISBN: 978-65-01-94590-3 (Digital)
ISBN: 978-65-01-94591-0 (Físico)

1. Literatura brasileira contemporânea; 2. Escrita de si; 3. Cultura afro-brasileira; 4. Oralidade; 5. Corpo e memória.

I. Título.
CDD: 869.93

SUMÁR/O

AGRADEC/MENTOS.....4
VAMOS DEVAGAR QUE A GENTE TÁ COM PRESSA 6
QUEM VEM LÁ SOU EU.....10
P\SA NO CHÃO DEVAGAR.....15
BO\ADE/RO SOU EU.....36
AS VOLTAS QUE O MUNDO DEU, AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ.....50

AGRADEC\MENTOS

Ao meu Mestre Geovani, e ao Grupo de Capoeira Angola Caminho de Angola.

A minha orientadora, Renata Kabilaewatala.
A minha diretora artística, Terená Kanoute.
Ao músico e amigo, Noel Carvalho.
Ao meu cumpadre e fotógrafo, Gustavo Brayan.
A minha assessora de acessibilidade, e grande amiga, Renata Ghizzi.
Ao artista e designer gráfico, Ottair Flor.
A minha cumade e iluminadora, Kamilla de Lima Martins.

Aos mestres e mestras de Goiás: Meu Mestre Geovani, do Grupo Caminho de Angola, Mestre Goyano, do Grupo Barravento, a Mestra Antônia, do Samba de Roda na Serrinha, ao Mestre Vermelho e Mestre Caçador, do Grupo Só Angola, a Mestra Ana Maria, Mestra Valéria e Mestra Marcinha do Grupo Só Angola, ao Mestre Leninho do Grupo No Pé do Berimbau, ao Mestre Chuluca do Grupo Meninos de Angola, e ao Mestre Guaraná.

Aos mestres, mestras, professores, grupos, brincantes e pessoas que me ensinam: Minhas irmãs mais velhas, Viviane e Monike Lopes, Meu Mestre Pedro Peu, do Grupo Angoleiro Sim Sinhô da Zona Leste de São Paulo, ao Núcleo Coletivo 22 e o Espaço Águas de Menino, aos professores Dudé Conceição, Deusa Gisele Soares, e Tatiana Campêlo, a Mestra Nani de João Pequeno, ao Mestre Boca do Rio do Grupo Nzambi, a Mestra Brisa do Mar, Mestra Dandara, Mestra Verônica Mucuna, a Mestra Janja do Grupo Nzinga, a Mestra Di, Mestra Nildes Sena, à minha diva da lacração Puma Camillê, ao Mestre Pedro Abib de João Pequeno, ao Bumba meu Boi de Guimarães, ao compadre Zulmí Nascimento, ao Bumba meu Boi da Floresta de Mestra Nadir Cruz e Mestra Talyene Brito, ao Bumba meu Boi de Pindaré, e ao Mestre Castro e Mestre Tião Carvalho, ao Mestre Amaral, ao Bumba meu Boi de Maracanã, ao Boi Bumbá Estrela Dalva, a Plataforma Balsa, ao Mestre Valdir Baiano, a Treinela Zanza, a Professora Andressa do Grupo Barravento, aos meus professores e amigos queridos Ricardo Neves, Cléia Plácido, e Felipe Cirilo.

VAMOS DEVAGAR QUE A GENTE TÁ COM PRESSA

Um dia desses, desses tão quaisquer que a gente já não lembra exatamente a data, meu mano-mestre Pedro Peu, do Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô, me ligou e disse: “Está indo para Goiás uma menina que passou por aqui, gente nossa; você dá uma força aí?”.

Esse gesto, tão simples quanto importante, faz parte de uma rede de cuidado e cooperação própria da Capoeira Angola.

Pois bem, eis que chega a menina: uma jovem mulher de sorriso largo, cabelos negros e um jeito que, de fato, ainda guardava algo da menina traquina. Em sua inquietude, foi pulando e sassaricando aqui e ali, sempre sonora, tomada por uma sede de movimento. Depois de acolhê-la por alguns meses no aprendizado da Capoeira Angola, no Espaço Cultural Águas de Menino, considerei que seria importante para ela o direito e a oportunidade de aprender essa arte negra direto da fonte, com um mestre.

O mesmo entendimento tive em relação à minha própria filha, Regina, que também teve a oportunidade de aprender com Mestre Guaraná, no Grupo Calunga de Capoeira Angola.

Nas voltas que o mundo dá — e nas voltas que o mundo deu — Sarah, com seu corpo esguio, olhar atento e palavras saltitantes, segue no aprendizado da Capoeira Angola com meu cumpadre, Mestre Geovani, no Caminho de Angola. Tudo em família!

Quem tá nessa estrada sabe: o caminho é longo, e o ideal é não se preocupar em chegar, mas apenas caminhar com os sentidos abertos para captar, em cada passo e em cada ginga, os pequenos detalhes, segredos e jeitos que compõem a arte da mandinga.

Sabemos também que muita gente passa pela Capoeira Angola, mas nem todo mundo fica. Essa prática, além de disposição, exige resignação, compromisso e disciplina. Ter um mestre — isto é, ser discípula de alguém — é algo tão desafiador quanto reconfortante. Sinto que a jovem mulher de sorriso largo está no caminho certo...

Desafio semelhante encontra-se na formação acadêmica, onde o tempo, a escuta e a disciplina também se impõem como fundamentos, e o conhecimento não se constrói na pressa, mas na permanência, na orientação e na disposição para aprender com o caminho.

Nesse exercício, propus a Sarah o projeto Em que “pé” está o ensino da Capoeira Angola nas escolas?, desenvolvido no âmbito de um programa de iniciação científica voltado para estudantes da licenciatura (PROLICEN). O objetivo do projeto foi realizar um levantamento de caráter técnico, investigando a presença da capoeira na escola, buscando compreender sob quais critérios e metodologias esse conteúdo é abordado e questionando em que medida essa relação entre capoeira e escola ocorre — ou é debatida — a partir de parâmetros da arte-educação.

Como veremos no livro que aqui se introduz, a menina traquina pegou esse objetivo e, como quem diz “viajar é preciso e dançar também”, transformou-o, para minha surpresa, em um projeto de natureza bastante distinta: em vez de ir para a escola, Sarah se jogou no mundo. Algo, talvez previsível, dada a sua natureza inquieta e movente.
Como um golpe de capoeira inesperado em um jogo mandingado, soube que aquele projeto, nascido no quadrado rigor da iniciação científica, havia sido aprovado no Edital de Dança, no segmento Pesquisa e Criação, pela Lei de Incentivo Aldir Blanc 2024, do Estado de Goiás.

Como em um jogo mandigado, eu também tenho minhas artimanhas, encontrei um jeito de transformar essa invertida em método: estimular que Sarah, de forma sistemática e aprofundada, vivesse a dança como experiência de pesquisa e para tanto, chamamos reforços, a talentosa Terená Kanoute.

A partir dos estudos desenvolvidos ao longo de minha trajetória artístico-acadêmica e, mais especificamente, das investigações realizadas no âmbito do Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 (NuPICC), tenho discutido, em parceria com colegas e orientandas, metodologias de processo em artes cênicas. É nesse contexto que emerge a noção de campo vivido.

A noção de campo vivido refere-se a um procedimento de pesquisa construído a partir da experiência direta, implicada e sensível do pesquisador nos contextos culturais. Diferentemente de um campo concebido como espaço externo de observação, o campo vivido é atravessado por relações, deslocamentos, afetos, temporalidades e práticas culturais que se constituem no próprio processo de pesquisa e criação. Nesse sentido, o campo não é dado previamente, mas se produz no percurso, fazendo da vivência, do encontro e da travessia elementos centrais para a elaboração de conhecimento e de Poéticas.

Embora a ida de nossa jovem pesquisadora à Bahia e ao Maranhão tenha sido orientada sobretudo pela coragem e pela paixão — mais do que por um aparato conceitual da pesquisa em arte — considero que ali se constituiu um campo vivido. Como se verá em seus relatos, trata-se de uma experiência que não se dá de forma neutra ou incólume, mas que inevitavelmente afeta, desloca e transforma.

Desse modo, quem recebe este livro em suas mãos terá a oportunidade de viajar com Sarah, conhecer mestres e mestras da Capoeira Angola e do Bumba-meu-boi, assim como pessoas artistas, além de se aproximar de um pouco da vida e da trajetória dessa menina-mulher de sorriso largo e cabelos negros.

Por meio das imagens de Gustavo Bryan, vemos, logo nas primeiras páginas, o sorriso de Sarah nos saudar. Em seguida, somos convidadas a acompanhar esse sorriso que, como símbolo de vitalidade, salta para o corpo, ocupa os espaços e ganha a rua em um movimento de ousadia — tal qual a própria Capoeira Angola e a pequena grande Sarah. Se ousar é lançar o corpo ao mundo sem a garantia do chão, este livro é um convite à coragem do movimento. Ousar, aqui, é aceitar o risco do encontro, permitir-se afetar pelos caminhos, pelas pessoas e pelos saberes que se revelam no percurso. É compreender que aprender, criar e pesquisar não se dão fora da vida, mas no calor da experiência, na ginga que equilibra escuta e ação, permanência e deslocamento.

Ao leitor e à leitora, desejo uma boa travessia por este livro. À menina-mulher Sarah — hoje mais mulher do que menina — desejo que siga firme em seu caminho, com o corpo atento, o coração aberto e que seu sorriso largo, siga corajoso diante dos encantos e desassossegos da jornada da arte e da vida. E, como costuma dizer Mestre Plínio: vamos devagar, que a gente está com pressa.

Renata Kabilaewatala

Em um dia qualquer, desses que podemos não esquecer
09/01/2026

QUEM VEM LÁ SOU EU

Na foto ao lado, sou retratada como uma mulher negra, de pele clara, tranças estilo nagô, piercing no nariz, olhos pretos, boca grande e sorriso largo — tocando um berimbau, com pinturas em pontilhismo. Nessa foto, estou vestindo meu uniforme, uma camiseta verde e calça bege.

A minha trajetória constitui parte significativa daquilo que expressa minha identidade e, nesse contexto, os caminhos percorridos moldaram tanto a forma como vejo o mundo, quanto a maneira que me apresento nele.

Dado isso, nascida e criada na capital de São Paulo, entre a Cohab II, no Itaquerão, e as imediações da Vila Formosa, ambas na zona leste, sou filha da dona Avany e do seu Eronildo, um paraibano e uma pilão-arcadense.

Iniciei meus estudos em Dança graças as bolsas de estudos do Núcleo de Improvisação em Contato (NIC), nos Encontros Internacionais de Contato Improvisação, em São Paulo e em Ilhabela, estudando basicamente a dança contemporânea e as abordagens somáticas na Dança. Durante o intervalo da segunda onda da pandemia do Covid-19, mudo o rumo de minha formação a partir de um ensaio aberto do Núcleo de Dança Menos 1 invisível, com o preparador corporal da companhia, que viria a se tornar meu primeiro Mestre de Capoeira Angola. Mestre Pedro Peu, do Grupo de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô da Zona Leste, foi quem me fez acreditar no impacto positivo que a

Aniversário de 3 anos do Espaço Caminho de Angola, 2025. Foto: Gustavo Bryan.

cultura tem sobre a vida das pessoas.

Ao ingressar na Universidade Federal de Goiás para cursar Licenciatura em Dança, me mudo para Goiânia, onde – por sugestão da Contramestra Renata Kabilaewatala, do grupo Angoleiro Sim Sinhô Águas de Menino – e minha atual orientadora – pratiquei Capoeira Angola junto ao Grupo Calunga de Capoeira Angola, do Mestre Guaraná. Atualmente integro o Grupo de Capoeira Angola Caminho de Angola, do Mestre Geovani, sediada no fundo de quintal de sua casa, no setor Aruanã II. Também ouso dizer que brinco Tambor de Crioula, e integro o Batalhão do Boi do Rosário de Pirenópolis, do meu âmo Noel Carvalho e de sua mãe, e minha mestra, Daraína Pregnolatto, assim como ao Grupo de Sambadeiras do Samba de Roda da Serrinha, de Mestra Antonia e do Mestre Goyano.

Falar desses lugares que pertenço e das pessoas que os constituíram também é falar de memória e identidade. E, com isso, gostaria de compartilhar com você uma memória que compõe a narrativa que venho construindo aqui, e ao longo desses anos.

Quando era criança, eu e minha mãe ganhamos dos meus irmãos, como presente de natal, nossa primeira viagem de avião. O destino era a casa da minha avó, no município de Pilão Arcado, na Bahia. Me lembro nitidamente da frustração de chegar na Bahia e não ver o mar, assim como, da imensa dificuldade em lidar com a seca e o calor da região. A dona Marieta, minha avó, foi a pessoa mais brava que já conheci em toda a minha vida, e aqueles dias em sua casa foram nossos únicos momentos juntas.

No dia em que subi no pé de goiaba do quintal da sua casa, eu levei a maior bronca do século, e ainda desorientada pelo esporro, me sentei no muro de sua casa, que ficava de frente para a rua. Depois de algum tempo esperando para ver se alguma coisa acontecia, uma multidão veio se aproximando, todos correndo em completo desespero, fugindo de alguma coisa que eu não conseguia identificar. Curiosa, desci para a rua, pra tentar ver de perto, e naquele momento, a única coisa que eu conseguia escutar eram os gritos da minha mãe. Em um instante, o boi passou do meu lado, como quem corta o vento.

Há alguns registros de manifestações folclóricas no município relacionadas ao folguedo do ”Reis de Boi”, mas embora a prática de soltar bois ou realizar touradas seja controversa e ilegal, ainda é uma brincadeira bastante comum em diferentes regiões do Brasil. Desde então, a figura do boi – e seus signos e simbologias – passaram a me acompanhar e traçar sentidos em meus processos de criação e identidade.

P/SA
NO
CHÃO
DEVAGAR

Lavagem do Bonfim, Salvador - BA, janeiro de 2025. Foto: Sarah Lopes.

A imagem retrata o dia que chego na cidade de Salvador, na Lavagem do Bonfim – uma manifestação popular de fé e devoção. Em um dia de sol quente, o cortejo segue pelas ruas lotadas. No centro da imagem há um homem negro com vestes brancas e duas guias grandes em seu pescoço. Ele carrega no ombro direito uma cruz cheia de fitinhas coloridas do Senhor do Bonfim e uma placa onde está a frase em maiúscula “A BAHIA É BOA”. À volta dele, há mulheres vestidas com trajes brancos do candomblé e turbantes.

Lavagem do Bonfim, Salvador - BA, janeiro de 2025. Foto: Sarah Lopes.

Por outro ângulo da Lavagem do Bonfim, a seguinte foto retrata a frente do cortejo, onde as baianas carregam uma faixa com fundo branco, com ilustrações de flores azuis e fitinhas coloridas, com a frase “Agô, Bonfim”. Na lateral esquerda da foto há um homem de camiseta azul com a palavra “favela” na altura do peito, usando um boné, bermuda branca e tênis. Ao lado dele há outro homem vestido com chapéu, camiseta branca com a mesma logo da faixa, calça jeans, e segurando uma latinha de cerveja.

A Bahia é considerada um dos principais centros de formação e preservação da cultura negra no Brasil, como resultado da concentração da população africana na região desde o período colonial. Durante mais de três séculos, a cidade de Salvador foi o maior porto escravista das Américas, recebendo povos de diversas nações, sobretudo os Yorubas, os Jejes, os Bantus e Haussás. Essa confluência de matrizes africanas transformaram a Bahia em um verdadeiro epicentro civilizatório afro-diaspórico, onde práticas religiosas, musicais, corporais, linguísticas e sociais se recriaram e deram origem a expressões fundamentais para a construção da identidade brasileira.

Para além de qualquer disputa narrativa acerca de territórios de origem da capoeira, é possível constatar que as primeiras escolas de Capoeira Angola e Capoeira Regional foram fundadas em Salvador, por Mestre Bimba (1899 – 1974) e Mestre Pastinha (1889 – 1981). Não por acaso, os primeiros registros históricos e documentações relacionadas à capoeira, desde o século XVIII, também estão relacionados a esse território.

Um dos principais motivadores, da escolha de ir à Bahia, como parte da pesquisa e estudo sobre capoeira e dança negra, se deu pela centralidade na formação histórica, cultural e pedagógica dessas práticas. Entre janeiro e fevereiro de 2025, por aproximadamente quarenta dias, estive na cidade de Salvador, hospedada em Brotas, bairro vizinho ao Engenho Velho, onde Mestre Bimba fundou a primeira academia de Luta Regional Baiana, a Capoeira Regional. Nesse período, frequentei o intensivo de férias da Fundação cultural do Estado da Bahia (FUNCEB), tendo aulas de Samba Duro e Dança Afro com a professora e dançarina Tati Campêlo, aulas de Dança Afro Contemporânea com o professor Dudé Conceição, e de Dança dos Reis e Rainhas com a professora, e Deusa do Bloco Ilê Aiyê, Gisele Soares. Paralelamente, participei de quatro importantes encontros de capoeira: o XIII Festival Mulheres do Mar, de Mestra Brisa do Mar, o Somente Flores para Iemanjá, de Mestra Dandara, o evento de Mestre Lua de Bobó, no 2 de fevereiro, em Arembepe, e o evento Iemanjá Protege Quem Protege o Mar, do Grupo Nzinga de Salvador.

Um dos espaços onde pude me identificar, e de alguma maneira me sentir pertencente, foi na sede do Grupo Zimba, de Mestre Boca do Rio, que defende com firmeza os valores e princípios de um bom angoleiro, e cuja abordagem metodológica de ensino da capoeira me inspirou profundamente. Da mesma maneira, o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), fundado por Mestre João Pequeno de Pastinha (1917–2011), e hoje coordenado por Mestra Nani, que para mim, é uma pessoa de grande apreço. Não posso deixar de agradecer também a Mestra Janja, do Grupo Nzinga, por todos os puxões de orelha, e por toda generosidade.

Lavagem do Bonfim. Foto: Sarah Lopes.

Deixando o cortejo passar, a foto acima retrata aqueles que participam da manifestação de outras formas, seja assistindo ou pagando promessas. Ao fundo a paisagem é de três prédios de conjuntos habitacionais populares. Em primeiro plano há muitas pessoas de diversas raças e etnias, e dois policiais fardados e com capacetes brancos. No centro da foto, um homem usando seu Filá, e carregando uma quartinha branca na cabeça, repleto de flores. A foto foi tirada justo no momento em que o vaso fica na frente da única árvore entre os prédios descoloridos pelo tempo. A impressão é que a árvore compõe o arranjo não só em visualidade mas como promessa de boas novas que estão para florescer

Entre junho e julho de 2025, fui convidada pelo Coletivo Balsa – em nome do artista, educador e ambientalista Zulmí Nascimento – a participar da Residência Artística Balsa Tipiti II, na cidade de São Luiz do Maranhão, durante o período do São João.

O Coletivo Balsa é uma plataforma de curadoria, circulação e criação artística em arte contemporânea, a partir de uma rede de artistas de diferentes identidades e territórios, que se preocupam em usar as linguagens artísticas para promover debates ambientais acerca das crises climáticas, do racismo ambiental, e em perspectiva dos povos originários e diaspóricos. Nessa residência, trafegamos entre a cidade de Marabá, no Pará, e em São Luís do Maranhão, em convívio com a artista e modelo Aisha Ajiyobiojo, o músico percussionista Noel Carvalho, e a artista visual Cássia Nunes.

Nesse processo de pesquisa e estudo a partir da prática, acompanhamos grupos de Bumba Meu Boi e Tambor de Crioula de diferentes sotaques e regiões do Maranhão, em especial, o Boi da Floresta, do Sotaque da Baixada, o Boi de Maracanã, do sotaque da Ilha, e o Boi de Pindaré, também da baixada, donos dos sotaques e toadas que considero – em minha humilde opinião – umas das mais bonitas da região.

Veronica Mucuna e Zulmí Nascimento, Itapuã, Salvador - Bahia, fevereiro de 2025. Foto: Sarah Lopes.

A foto em questão é uma carta de gratidão. Além de retratar Verônica de olhos fechados repousando o rosto no peito de Zulmí, em um abraço, imersos em um lago de água doce, daqueles escondidos, lá de Itapuã.

A nascente da Balsa foi na Bahia, em encontro com a nossa Mestra Sambadeira, Verônica Mucunã, guardiã do Boi do Coletivo Nosso Kilombo.

É um grande privilégio poder conhecer a região de Itapuã por pessoas que pertencem à comunidade, e que movimentam a cultura popular nesse território. Estar em terra alheia e ter acesso a lugares e pessoas que não são facilmente visíveis por turistas – como eu – me deu uma sensação de casa e acolhimento. Mais do que o encontro, a identificação, o senso de pertencimento, e a sensação de conforto, de me sentir parte.

Aquela sensação gostosa de quando a água abraça a gente.

Esses deslocamentos, entre Bahia e Maranhão, entre capoeira, dança e devoção, reafirmaram a importância da presença, da atenção e do respeito, principalmente com aqueles que protegem e preservam seus territórios e suas brincadeiras. Nossas mestras e mestres são arquivos de ancestralidades que insistem em permanecer vivas, e que se prolongam no tempo, entre a memória e a prática. E a eles, o meu mais profundo agradecimento.

Posso concluir que, para além da diversidade, os saberes da cultura negra se deslocam, se reinventam, e ao mesmo tempo, preservam princípios que atravessam gerações. Da capoeira às danças populares, das rodas de Capoeira Angola ao Bumba-meu-Boi, o corpo é sempre arquivo, linguagem e herança. Dos terreiros à academia, das rodas de rua aos grandes festivais internacionais, do embate físico às lutas simbólicas, a capoeira é, ao mesmo tempo, tradição e invenção, em uma constante relação de troca com o tempo.

É nesse lugar, entre uma coisa e outra, entre o que permanece e o que se transforma, que se entende a capoeira.

Mas quando a cadeia de transmissão se rompe, quando o mais velho não ensina, e o mais novo não escuta, quando o aprendizado deixa de ser experiência e se tornar apenas performance, não é apenas a técnica que se perde, mas toda a cosmologia que a fundamenta desaparece. Preservar a tradição, então, não é impedir a mudança, mas garantir que aquilo que nos sustenta seja preservado e permaneça vivo.

Promessa paga pelo Grupo de Bumba-meu-Boi, do Boi de Pindaré, na Capela de São Pedro (MA), Junho de 2025. Foto: Sarah Lopes.

A imagem é o retrato da promessa que foi paga pelo Boi de Pindaré na capela de São Pedro. Da esquerda para a direita, um senhor pousa para a foto: olhando para a esquerda, ele se encosta na carroçaria de uma camionete branca. Veste camisa branca entreaberta, mostrando seu colar prateado, óculos escuros e um chapéu de boiadeiro, nas cores bege, verde e dourado, todo bordado e enfeitado com franjas de contas em volta de toda aba. Em volta da carroceria há outros brincantes com camisetas vermelhas com a logo do Boi de Pindaré e, no centro da foto, dentro da carroçaria, o Boi — dono da brincadeira. Nele estão bordados o brasão do Boi do Pindaré, as imagens de um Cazumba e do Mestre João Cândido, com os dizeres “Pindaré Nasce”.

Cazumba do Boi da Floresta, São Luís do Maranhão, julho de 2025. Foto: Sarah Lopes.

Na foto, ao centro e em primeiro plano, o personagem Cazumba encara a câmera. Um híbrido de animais da realidade com feras da fantasia, o Cazumbá é uma figura mascarada que serve para impressionar, abrir e purificar caminhos. Os trajes cobrem todo corpo com tecidos coloridos de diversas texturas, botões e bordados de lantejoulas. A máscara retratada tem dentes grandes, olhos grandes nas cores vermelho e branco, orelhas com tecido furta cor e peruca de fitilhos prateados.

XIII Festival Mulheres do Mar, Ilha de Itaparica - BA, fevereiro de 2025. Mestra Nani no Berimbau Gunga. Foto: Sarah Lopes.

A imagem retrata uma roda de capoeira de mulheres do mar, com Mestra Nani de João Pequeno em destaque, usando uma camiseta branca estampada com o símbolo do grupo, segurando o berimbau Gunga, que está pintado de azul. Há outras pessoas em volta das duas observando, participando e fazendo registros fotográficos da roda.

BO\ADE/RO SOU

EU

Lá vem a cavalaria,
da donzela Teodora
Cada cavalo uma sela,
Cada sela uma senhora.

Cada senhora dez dedo,
Cada dedo uma memória.
Cada memória uma luta,
Que entrou para a história.

Tem Maria, tem Joana,
Tocadora de viola
Batedora de pandeira,
Jogadora de Angola.

Camará,
Aruandeira.

(Ladainha, Domínio Público)

A foto faz parte do ensaio fotográfico realizado pelo multiartista Gustavo Bryan. No centro da foto, em meio ao corredor central da Catedral Metropolitana Nossa Senhora Auxiliadora, vestida de camisa de mangas longas e calça brancas, com chapéu preto de boiadeiro enfeitado com uma pena de galinha de angola. Toco meu berimbau na altura do peito. Retratada de perfil, meus olhos estão semi fechados.

A Capoeira Angola em Goiás é constituída por tradições e simbologias, que ao longo do tempo, se consolidaram através das corporalidades negras de seu território. O doutor em Educação, e capoeirista, Pedro Abib, defende que a Capoeira Angola é um sistema cultural complexo, resultante de processos históricos, deslocamentos e reinvenções, então, não se trata da presença da capoeira em um novo espaço geográfico, mas de um processo de territorialização e reconfiguração da prática. A capoeira que se faz aqui, portanto, é resultado de encontros, deslocamentos e reinvenções, de mestres, mestras e brincantes dessa região.

Entre as expressões que atravessam a Capoeira Angola afro-goiana – e que, como demonstra Leda Martins em seus estudos sobre performances negras, operam a partir de um tempo espiralar – onde passado, presente e ancestralidade coexistem na ação corporal, o termo “afro-goiano” vem sendo utilizado e defendido em produções acadêmicas, artísticas e culturais no estado de Goiás, especialmente por pesquisadores vinculados à Universidade Federal de Goiás, tal como Marcos Antônio Alexandre do Programa de Performances Culturais da UFG, Altair Moreira de Souza, e mestras e mestres presentes nesse território. A noção de Afro-Goianidade emerge dessas produções teóricas e artísticas como reconhecimento de que Goiás não se define apenas como sertão branco, mas como território de intensa produção negra, onde culturas, rituais e cosmologias se reinventaram em diálogo com o Cerrado e suas comunidades.

Nesse contexto, a Capoeira Angola afro-goiana pode ser compreendida como um campo de atravessamentos e sobreposições, no qual a figura do boiadeiro também pode ser compreendida como metáfora e como guia. O boiadeiro é aquele que abre caminho, que conduz, que atravessa longas distâncias entre espaços e tempos, símbolo da resistência negra do interior, da luta por dignidade, e da permanência de saberes profundamente enraizados nos modos de viver do sertão. Ao aproximar esses contextos à Capoeira Angola em Goiás, é possível reconhecer que o jogo não se restringe a luta, dança ou ritual, mas, como defende Mestre Falcão, é um complexo cultural, que articulam práticas, saberes, sujeitos e ações formativas com às matrizes afro-brasileiras consolidadas em território goiano.

Comemoração de 3 anos do Espaço Caminho de Angola, 2025. Foto: Gustavo Bryan.

A imagem retrata o Espaço de Capoeira Caminho de Angola, a casa de meu mestre, e a comunidade de capoeira que convivo. Na foto, uma roda de capoeira preenche todo o quadro. A roda é composta por mulheres e homens sentados em um banco vestidos com camisetas verdes, e outros sentados no chão que vestem camisetas brancas e amarelas, calça e tênis. No centro da roda, um homem está de cabeça para baixo executando uma invertida, e o outro que joga com ele, está agachado em esquiva. Nas paredes, estão pendurados diversos berimbaus coloridos e a bandeira do espaço. Nesse retrato, eu estou sentada, na formação da bateria, tocando pandeiro e cantando junto ao coro.

A criação de Solo para Boiadeiro se desenvolveu como forma de agradecimento aos Boiadeiros que me acompanham, aos meus mais velhos, e às forças que constituem minha caminhada na capoeira e na dança. O processo de criação foi pautado na corporalidade da Capoeira Angola – a partir dela e para ela – entendendo o jogo como gramática de movimento, filosofia e campo simbólico de criação cênica.

Nesse processo, o Espaço Caminho de Angola, fundado pelo Mestre Geovani, e sua companheira Cristina Viana, foi fundamental para a elaboração deste trabalho. Fundado em agosto de 2022 no quintal da casa de meu mestre, o espaço realiza atividades regulares de treinos de Capoeira Angola, confecção de Instrumentos percussivos, rodas de capoeira e estudos de toques e ritmos, reforçando a importância das pedagogias de fundo de quintal. Meu mestre atua com capoeira em Goiânia desde 1996, um tradicionalista profundamente comprometido com a preservação dos bons costumes. Com um histórico de capoeirista – e de ser humano – exemplar, é uma das pessoas mais íntegras, comprometida e dedicadas que conheço. Seus direcionamentos, centrados na simplicidade rigorosa do gesto, no cuidado com o corpo, na disciplina, na constância e na humildade, estruturam de maneira direta minha preparação corporal, bem como minhas escolhas estéticas e simbólicas para a cena.

A obra foi pensada como modo de manter viva a linhagem que me precede, e esse processo só foi possível graças à direção de Terená Kanoute. Seus direcionamentos, e experiência sobre danças negras, corporalidades e dramaturgias do movimento, nortearam as escolhas estéticas e simbólicas da cena. A provocação de dançar com o Berimbau, e das poetnográfias do gesto, onde o movimento se torna linguagem e o símbolo se recria na performance.

A composição musical com o Noel Carvalho, responsável pela percussão e pela criação sonora da obra, se integrou ao vocabulário corporal da Capoeira Angola e do samba de caboclo, estabelecendo o pulso e ritmo das cenas.

O diálogo entre corpo e o toque é o eixo central do trabalho, onde a sonoridade evocada convoca a memória e aciona o corpo. Na encruzilhada entre direção, percussão e corpo, o solo assumiu a forma de uma oferenda, de método de pesquisa e de um modo de pensar a Capoeira Angola afro-goiana não apenas como técnica, mas como cosmologia do movimento.

A foto ao lado também é na Catedral Metropolitana Nossa Senhora Auxiliadora, mais conhecida como Igreja Matriz de Goiânia, no setor central. No corredor central, em meio aos bancos de madeira, vestida de branco e iluminada pela luz do dia que reflete nos vitrais, faço uma queda de rins, uma posição da capoeira que consiste em ter a cabeça e as mãos tocando o chão enquanto o tronco e o quadril estão elevados, com as pernas separadas, sendo a direita estendida e a esquerda com joelho flexionado.

Catedral Metropolitana Nossa Senhora Auxiiadora, 2025.
Foto: Gustavo Bryan.

Ainda usando meus trajes brancos, agora no corredor de entrada do Palácio das Esmeraldas, composto por pilastras verdes e chão de mármore que reflete a minha imagem, executo a queda de rins.

Palácio das esmeraldas, Setor Central de Goiânia, 2025.
Foto: Gustavo Bryan.

Em sequência, no Palácio das Esmeraldas, no centro da foto, estou agachada com as mãos na frente do rosto, executando uma esquiva.

Palácio das esmeraldas,
Goiânia, 2025.
Foto: Gustavo Bryan.

A terceira foto da sequência, no corredor verde do Palácio das Esmeraldas, estou no centro da foto, em primeiro plano, fazendo outra esquiva. Com os pés e joelhos tocando o chão, e a coluna arqueada para trás, o antebraço direito toca o chão e a mão esquerda aberta na frente do rosto.

Palácio das esmeraldas, Setor Central de Goiânia, 2025.
Foto: Gustavo Bryan.

AS VOLTAS QUE O MUNDO DEU...

Espaço Três em Cena, 2025. Apresentação Solo pra Boiadeiro. Foto: Gustavo Bryan.

Ainda de branco, porém agora no palco, a seguinte foto retrata o momento que me conecto com o berimbau – que está à minha frente, no chão – em cena. Estou agachada, sentada sobre uma perna, segurando com as duas mãos a cabaça, um símbolo de fertilidade, símbolo de passado e de futuro. No decorrer da performance o berimbau é instrumento, mas é também espada, facão, arco e remo. A chamada foi feita. O cuidado e a atenção estão presentes. Sigo nesse solo, mas não sigo sozinha.

Ao concluir este percurso, reconheço que o que fica não é apenas o resultado cênico materializado, e o material que aqui apresento. As camadas de entendimento escritas em meu corpo se configuram em modos de perceber o mundo, de existir e de me relacionar com ele, e o que permanece, é essa certeza de que a Capoeira Angola, da mesma maneira que muito me dá, muito me exige.

A Capoeira Angola não é apenas linguagem artística ou objeto de investigação, mas um sistema cultural complexo, pedagógico, político, interdependente entre seus elementos, e sobreposição de tempos e saberes.

Dado isso, levo comigo a confiança conquistada. Confiança na minha própria agência como artista-pesquisadora, e principalmente, confiança na potência das memórias negras do Cerrado como matriz estética e política.

E como diz o ditado:

"NADA SE CR\A, MAS TUDO SE RE/NVENTA".

Nessa foto estou em uma praça no centro da cidade, em plano de fundo, entre a brecha de um vidro de carro entreaberto. Com uma mão no chão e outra em direção ao céu, e com o olhar e intenção de ir em frente é recortado pela janela do carro.

De São Paulo a Goiânia, de Salvador a São Luís do Maranhão, passando por caminhos feitos por muitos de meu mais velhos, sigo traçando os meus, em constante contravenção e rebeldia – com diria minha mãe – mas sempre em plena devoção e entrega.

Avenida 85, Setor Central, 2025. Foto: Gustavo Bryan.

Realização:

SECULT
Secretaria de Estado de Cultura

GOVERNO DE GOIÁS
O ESTADO QUE DÁ CERTO

POLÍTICA NACIONAL PNAB ALDIR BLANC

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Este projeto foi contemplado pelo EDITAL DE DANÇA Nº 8/2024.